

Blade Runner 2049 *fixão e crença*¹

Aristides Alonso² / A9-Cyb

‘Como se’

O conceito de *ficção*, de foi longamente desenvolvido em *A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista* ([1911]), obra considerada fundamental pela estética da recepção. Seu autor, Hans Vaihinger, postula a dimensão ficcional de qualquer pensamento ou teoria, e afirma que as múltiplas formas de ficção não se opõem à razão por constituírem os artifícios sem os quais as ciências não poderiam existir. Por algum tempo, Vaihinger foi considerado um filósofo secundário pelo pensamento acadêmico, mas hoje é reconhecido como um dos maiores pensadores sobre o conhecimento da modernidade.

O que é essa filosofia do ‘como se’? Em uma vertente derivada do pensamento de Kant, para ele os seres humanos nunca podem conhecer a realidade subjacente ao mundo e, como resultado disso, constroem sistemas de pensamento para, em seguida, assumir que aquilo combina com a realidade. Nós nos comportamos ‘como se’... Como se o mundo

¹ Texto apresentado no 17^o. Ciclo de Palestras do TecMen: “Ficção/Fixão”, em 07 novembro 2017, realizado na FACHA/RJ organizado pelo projeto Tecnologias da Mente.

² Professor (UERJ e FACHA/RJ). Doutor em Letras (UFRJ). Pós-Doutor (CECL / Universidade Nova de Lisboa). Pesquisador dos Grupos de Pesquisa/CNPq: “Redes Sociais, Ambientes Imersivos e Linguagem” e “ETC: Estudos Transitivos do Contemporâneo”. Coordenador da oficina Galáxia Freud.

correspondesse aos modelos ficcionais criados num certo momento. A terra é plana? É esférica? Alguém criou isso?

Uma história exemplar é a discussão sem fim nas escolas públicas do Rio de Janeiro: evolucionismo e criacionismo. Não tínhamos esse “problema”, que era bem norte-americano, mas passamos a ter a partir da pressão crescente das igrejas. É algo levado a sério, com defesas e argumentos fortíssimos de parte a parte, bem característico de como algumas ficções nos chegam de tal maneira formatadas, constituídas de explicações e resultados de histórias de povos antigos, etc., e se caracterizam ‘como se fossem’ a própria realidade. Passam a constituir o poderoso regime das *crenças*. É aí que a situação se agrava, pois vivemos no conflito, na guerra resultante dessas *ficções*. E, do mesmo modo, com os usos mais diversos dessa *ordem ficcional* para conturbar as possibilidades de entendimento. A dificuldade é: como enfrentar ou diluir essas ficções fortemente fixadas?

Vaihinger diz que o fato de uma ficção ser comprovadamente falsa em relação a outra não invalida sua funcionalidade para as pessoas, que continuam acreditando na outra ficção ‘como se’. Para ele, se foi comprovado que a ficção não funciona ou é limitada e mesmo assim as pessoas estão acreditando nela, é porque alguma funcionalidade está servindo para amparar ou justificar e, de algum modo, sustentar uma situação mental a seu respeito. Há, por exemplo, na internet um movimento, com aparato de justificativa científica, que afirma que a terra é plana, o terraplanismo. Voltou-se a um modelo de concepção milenar que já havia sido objeto de contestação e demonstração por vários meios de verificação. Retorna-se, então, de um modelo heliocêntrico e copernicano para um ptolomaico. Depois de o homem ter ido à Lua e fotografado a Terra de lá, surge uma contra-ficção sustentada por um

pensamento que parecia já superado. O que se ganha com isso? Por que retornar a uma ficção dessa ordem? É importante conceber que as ficções sejam não eliminadas, e sim guardadas no museu das ficções, digamos, como disponibilidade para que se faça o uso que delas se puder fazer.

A fixação do ‘humano’

Bem, esse é o primeiro ponto, a filosofia do ‘como se’. Existe outra ficção muito séria que é a de definir o que é *ser humano*. E para afirmar que somos humanos, criamos uma série de ficções – e acreditamos nelas. Parece que são essas as ficções que estão entrando em pane. Não conhecemos mais o homem de hoje nas *ficções de humanidade* que tínhamos a nosso respeito, ou seja, o homem racionalista, que busca a verdade, a justiça, a liberdade, a igualdade, etc., proposto pelo projeto moderno. Esses modelos, criados no Iluminismo, vêm na vertente racionalista desde a Renascença.

Por outro lado, começa-se a entender que as grandes construções humanas não são definitivas. Este talvez seja um dos problemas mais sérios, embora não seja consensual, pois não é qualquer pensamento que reconhece esse regime ficcional das produções humanas. Em campos rigorosos do pensamento não há maior problema quanto a matemática ser a “linguagem da natureza”, ou ser uma construção artificiosa muito útil, talvez a mais precisa para dar conta de questões refinadas de conhecimento. Chegaram a dizer, como Galileu, que o “livro da natureza” está escrito matematicamente e que Deus é matemático. Essa afirmação está presente no campo da física e da cosmologia para tentar dar conta dessa tentativa de equivalência entre um modo de construção simbólica e a própria realidade. Parece, pois, que, gradativamente, explicita-se a precariedade em entender as construções que fazemos e que vivemos

imersos em FIXÃO (a fixação da ficção), conceito criado para destacar a rigidez e a frequente reificação de que sofrem os nossos regimes ficcionais (Magno [2017], 1917).

O pensamento humano se constitui de construções ficcionais, modelos temporais, com data de validade. Frequentemente, são elaborações arcaicas que nos acompanham há tempo. Isto tem a ver com nossa história, com o lastro de nossas tradições e com o fato de termos começado nosso trajeto cultural com linguagem oral e com a escrita, que muito contribuíram para a ficção. A expressão oral se perde com facilidade e a escrita, em sua ancestralidade, ganhou o caráter de texto sagrado, dado que perdemos seu tempo de enunciado. Se tivessem filmado as pregações de Jesus Cristo, por exemplo, talvez não houvesse a dúvida histórica a respeito de sua existência³. Mesmo assim, filmar é um expediente ficcional. Hoje, pode-se supor que ele seja uma *fixão*, um personagem conceitual (Deleuze e Guattari [1992]). Qual seria, então, a diferença entre as narrativas sobre Jesus Cristo, Dom Quixote e uma pessoa viva? Quando estamos lendo uma biografia, estamos lendo o quê? Existem várias biografias de uma mesma pessoa, por exemplo, de Marilyn Monroe, Churchill, Stalin... Afinal, são personagens ou são pessoas?

Essas questões perpassam nosso imaginário de várias formas. O que comparece no limite dessas *fixões* é a busca de uma *voz absoluta*, divina, que possa dizer o que é ISSO que HÁ – o que é da ordem do impossível. Como estamos metidos numa situação em que não sabemos do que se trata exatamente, começamos a (re)produzir explicações para a nossa e outras existência. São explicações elaboradas há milênios para lidar com

³ Quanto a isto, cf. a ficção de Gore Vidal, *Ao vivo do Calvário (Alive from Golgotha)*, 1993.

as circunstâncias de seus momentos e que, mesmo as circunstâncias já tendo mudado, continuam a nos oprimir ainda hoje.

A Nova Psicanálise, proposta por MD Magno depois da invenção de Freud e Lacan, é também uma fixação. Pretende-se que esta fixação seja sem fanatismo, sem crença (Magno [2017], p. 4). Talvez uma das questões mais complexas desde sempre seja a de construir pensamentos sem fundamentalismo, uma posição pragmática que, se não funcionar, poderá ser trocada por outra, sem apego sintomático: um pensamento instrumentalista, de aposta e não de certeza. Como ter *fé* sem *crença*? Como investir, apostar, insistir, e continuar suspeitando? Será que é isso mesmo? Funcionou? Então vamos um pouco mais. Deu errado? Muda-se o jogo.

Dois filmes, diferentes fixações

A era denominada pós-moderna e identificada com o advento de um *pós-humano* desenha uma *fixação* muito diferente daquelas que vigoraram até o século 20. Convivemos com determinadas expressões, com verdadeiros *doppelgangers* (duplos) nossos, tais como *zumbis*, *androides*, *cyborgs* e construções artificialistas que replicam artificialmente a potência mental que temos. A ficção já trouxe isto como narrativa, como ficção científica (Sci-Fi). É o caso do filme *Blade Runner 2049*, lançado em 2017, uma suposta continuação de *Blade Runner* (1982), que, este sim, pode ser considerado um dos filmes mais precisos já realizados sobre as questões de que estamos tratando: a aptidão artificialista de nossa mente (Alonso, 2012, p. 17-21).

O que há de especial no primeiro filme é, primeiramente, o fato de serem *androides* com competência de *revirão*, conceito criado por MD Magno para definir a mente da Pessoa (Magno [1999], p. 70-72)]. Estes

androides têm mente homóloga à nossa, os ditos humanos. Revirão é a capacidade de avessar mentalmente qualquer formação que se nos apresente e de pensar – e mesmo construir, fabricar – o contrário. A única distinção é esses androides terem sido *fabricados* e terem um período de duração de quatro anos. Após este prazo, parariam de funcionar, isto é, “morreriam”. Entretanto, o que o filme trazia é que eles estavam se rebelando contra essa limitação. E REBELIÃO, justamente, é *comptência de quem porta a máquina de revirão*. Os demais animais não se rebelam, e as máquinas tampouco – ainda. Os androides eram *anjos*, quase *lúciferas*, que se opunham a uma situação e queriam mudar a condição (o programa) que limitava sua existência à duração de quatro anos. Trata-se de rebelião contra uma condição limitadora imposta à revelia.

A segunda situação apresentada pelo *Blade Runner* (1982) é a trama narrar o tesão, a transa amorosa e sexual entre humano e androide, que não se pautava pelas fixões do Estado, da família, da propriedade, do casamento, da reprodução, da moral burguesa, da religião... Um acontecimento se deu entre dois revirantes que se vincularam e se arriscaram em uma experiência singular. Isto foi insuportável para as pessoas naquele momento, inclusive para o diretor do filme, Ridley Scott. Em entrevista, incluída na *versão do diretor*⁴, quis minimizar esse acontecimento ao afirmar que o protagonista Deckard era também uma androide (Scott, 1982). Declaração arrogante e prepotente do “dono do filme”, pois a narrativa é aberta e ambígua quanto a “espécie” de Deckard

⁴ Após a polêmica com a Warner Bros, Ridley Scott fez uma montagem do filme que modificava a versão hollywoodiana de 1982. Incluiu cenas, retirou a narração em *off* da primeira versão e manteve a ambiguidade do final da narrativa. Esta *versão do diretor* é considerada a definitiva.

– se humano ou replicante –, e contrariava tantas outras posições sobre a questão, igualmente válidas.

São essas declarações de Scott que justificam *a posteriori* a visão de Denis Villeneuve em *Blade Runner 2049* (2017) que retrocedeu quanto à questão explosiva do primeiro filme: tesão e paixão entre humano e androide (se é que podemos dizer assim). A ruptura de fronteiras entre humano e máquina (Maturana e Varela, 1997, p. 69-76), apresentada no primeiro filme, foi insuportável para os realizadores do filme. De que maneira? Scott dá uma entrevista⁵ dizendo que Deckard, o protagonista, era um androide também retrocedendo à fixação de que o *humano* sempre será superior à *máquina*. Na mesma entrevista, Harrison Ford, um dos atores principais, discordou dessa afirmação e disse que isto estava ambíguo no filme.

A experiência amorosa vivida por Deckard e a androide Rachel é da mesma ordem do *amor cortês*, que Lacan considerou como a grande invenção erótica do século 12 e que influencia o pensamento até nossos dias. Segundo Lacan, *a relação sexual é impossível*. O amor cortês é a expressão amorosa de ‘homem’ para uma ‘mulher’ (no sentido lacaniano) em que a *mulher* não entra na conta de família, nem da reprodução, mas como um objeto inatingível (objeto *a*), infinitamente buscado e desejado, mas jamais alcançado. O amor cortês é um delicado artifício inventado para tratar da nossa funcionalidade mental como expressão da impossibilidade terminal de realização de nossos desejos em último grau (Lacan [1982], p 94).

Retrocesso e guerra fixional

Blade Runner 2049 é um lindo filme. Existem cenas para serem recortadas e guardadas na memória. Momentos preciosos, bem realizados, com hologramas estéticos e tecnologia de ponta. Mas acontece de não suportarem a homologia entre o produzido artificialmente e o brotado por via de artifício espontâneo (“natural”), entre nós humanos, fruto de reprodução, e o outro, fabricado. Isto, como se também não fossemos fabricados...

E o filme mantém uma guerra com a fixão histórica e religiosa de que há superioridade entre o que é reproduzido espontaneamente e o que é fabricado industrialmente. É a insistência na crença de que há superioridade do *natural* sobre o *artificial*. Então, inventou-se na trama narrativa algo no mínimo grotesco: os dois personagens do filme anterior, Rachel e Deckard, que fugiram sem destino certo no final do primeiro filme, em continuidade tiveram um filho por via reprodutiva... A androide engravidou! A narrativa virou “papai e mamãe”. Os androides repetem o modo biológico de reprodução. E mais, Deckard não é humano, é androide, é *cyborg*. Ciborgues que reproduzem o modo humano de procriação. Esta é a questão.

Trata-se de uma fixão esdrúxula. É notável a personagem Wallace (cientista da Wallace Corporation e fabricante de androides), em dado momento da narrativa, retirar uma réplica com forma feminina de dentro de um casulo em que estava sendo produzida e a esfaquear no ventre (útero), pois ela era estéril e não tinha a capacidade das mulheres humanas de gerar filhos. Desvaloriza-se assim qualquer outra forma de vínculo e de existência que essa nova espécie possa vir a ter. Sequer pensaram – já que se pretendia incluir um terceiro elemento na história –, em *adoção*, a qual poderia ser uma possibilidade vincular entre eles.

Então, tomaram a narrativa do primeiro filme, torceram-na, retrocederam a um modelo familiar – e a narrativa termina com o encontro de papai com a filhinha, porque a mãe (Rachel) já tinha morrido no parto, de maneira análoga à personagem Rachel da Bíblia, que tem o mesmo nome e que morreu de modo semelhante.

Blade Runner 2049 resulta uma catástrofe do ponto de vista das injunções ficcionais que emprega para manter a tradição sobre a *velha fixação de humano*. Em dado momento, Joi, a namorada virtual de K⁶, olha para ele (porque ele pensava que era o filho de Deckard e Rachel) e diz que ele fora reproduzido, que não era igual aos demais que foram fabricados. O filme é racista com relação às novas possibilidades de mentes que poderão surgir via I.A., por exemplo, e que terão possibilidades de reviramento análogo ao nosso, pois qualquer formação que tenha *mente em revirão* é uma Pessoa, como nós humanos.

As articulações acima a respeito das fixões dominantes são dramáticas em nossa existência. Há uma briga ferrenha na tentativa de sua manutenção a qualquer custo. É claro que o objetivo de um filme dessa expressão é ganhar dinheiro. Daí um roteiro palatável para a maioria, que espontaneamente pensa daquela maneira. Mas não era preciso estragar a tese do *Blade Runner* original, que teve a ousadia de propor uma questão, esta sim, atual, progressiva, sem retroceder ou se acovardar ante o que provavelmente acontecerá conosco.

Não é absurdo supor que, progressivamente, a inteligência que portamos migrará e se encarnará em outras formações artificiais

⁶ K é um novo modelo de replicante criado para obedecer a ordens. Trabalha como *blade runner* no Departamento de Polícia de Los Angeles, procurando e “aposentando” antigos modelos de replicantes que sobreviveram ao extermínio geral. Sua vida pessoal resume-se a conversar com Joi – sua namorada virtual –, também fabricada pela Wallace Corporation, que sucedeu a Tyrell Corporation do primeiro filme.

produzidas pela própria espécie humana. Isto, aliás, já aconteceu com nossas razão e competência computacional, que já estão entranhadas nas máquinas. O futuro da humanidade não mais será biológico, mas qualquer coisa híbrida e sabe-se lá para onde estamos indo... O humano, como o conhecemos, é uma *fixão*, um estágio desta mente que se encarnou temporariamente em um *hospedeiro primata*. Lembramos que não é o humano que qualifica o revirão, e sim que o revirão é que dá essas qualidades ao humano, e assim pode transcender às próprias fixões que herdou em sua história.

A questão acima apresentada exemplifica a *guerra de fixões* que constituem nossa psicopatologia comunicacional da vida cotidiana.

Referências

ALONSO, Aristides. *A nova mente da máquina e outros ensaios*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2012.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

LACAN, Jacques. [1975] *Mais, ainda. O seminário. Livro 20*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MAGNO, MD. *Psicanálise sem fanatismo: ficção & fixão*. In: www.novamente.org.br/MDMagno/Textos. Texto retirado de fala do autor em 18 outubro, na série de seus SóPapos 2017.

_____. [1999] *A psicanálise, novamente*. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SCOTT, Ridley. *Blade runner: o caçador de andróides*. Warner Bros., 1982. Versão do diretor.

VAIHINGER, Hans. [1911] *A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista*. Chapecó: Argos, 2011.

VIDAL Gore, *Ao vivo do Calvário (Alive from Golgotha)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

VILLENEUVE, Denis (diretor). *Blade Runner 2049* (1917). Warner Bros. 2017.